

Alice Ferraz

# Nova coluna terá ‘retrato social do poder e do que é relevante’

Colunista propõe ‘exercício de investigação, diálogo e pensamento’ em espaço que estreia na terça no ‘Estadão’

estadaodigital#natalia@fhits.com.br

## ENTREVISTA

**Dona da F\*hits, empresa pioneira de marketing de influência, Alice Ferraz é especialista em moda e já colabora com o jornal há 4 anos**

**O** Estadão estreia nesta terça, 18, coluna assinada por Alice Ferraz. Publicada no portal estado.com.br, no *Caderno 2* e nas redes sociais, ela deve apresentar um retrato social de fatos, pessoas e imagens relevantes no Brasil e no mundo ou, como resume a colunista, “um exercício de investigação, diálogo e pensamento”. “São princípios que trago da Filosofia”, diz.

Aos 54 anos, Alice é dona da F\*hits, empresa pioneira de marketing de influência fundada em 2011. Antes, cuidou de marcas ligadas a moda e beleza por meio de uma assessoria de imprensa. Há quatro anos colabora com o *Estadão* com reportagens, cobertura das principais semanas de moda e uma crônica, publicada aos sábados.

Nascida em uma família tradicional paulistana, Alice Ferraz tem uma relação estreita com São Paulo, apesar de estar sempre com os olhos voltados para o mundo. As histórias são muitas: da casa no Morumbi onde morava com os pais e oito irmãos ao apartamento dos avós no Edifício Copan.

“Meus avós foram os primeiros moradores e viveram lá por 45 anos”, conta. Do pai, o piloto da FAB e empresário Rubens Ferraz do Amaral, morto em 2000, herdou o gosto por viajar e descobrir o mundo. Da mãe, Maria Alice Ralston, de 85 anos, o apreço pela moda transformado em profissão quando começou a trabalhar no extinto magazine Mappin, nos anos 1990.

Com a coluna, publicada todos os dias no online e inicialmente às terças, quintas e aos sábados e domingos no impresso, Alice lança-se, mais uma vez, a um novo desafio depois dos 50 anos. “Atingi um espaço maior para mim, de quem eu sou, do que consigo realizar”, resume.

### Quais temas e personagens você pretende trazer para sua coluna?

É muito importante que tenha política e economia. Mas também arte, arquitetura e moda. Identificar quem são os personagens interessantes nesse mundo globalizado. A coluna vai falar para muita gente e nem sempre vai agradar a todos. Não é possível ser unânime em um retrato social. Não vou falar sobre uma pessoa que seja boa ou má para a sociedade, mas que seja importante naquele momento. Com a internet, vivemos a sociedade do espetáculo, como já havia adiantado Guy Debord. Como olhar para esse espetáculo todo, fazer um recorte e mostrar o que importa, o que realmente é relevante? Quero trazer esse olhar de curadoria.

### Será uma coluna social?

É uma coluna da sociedade. Vai falar sobre poder, do que está ocorrendo de relevante. É importante: de que forma isso vai ser distribuído no jornal – e mesmo para fora do jornal.

### E qual será essa forma?

Ela estará no jornal impresso, no site e no Instagram. Quero fazer entrevistas. Um exercício de investigação, diálogo e pensamento. Plantar uma semente para que o leitor pense sobre assuntos que estão ocorrendo no mundo e ele não se deu conta.

### Apesar de viajar bastante, você criou vínculo com São Paulo, sempre morou na cidade. Como se deu isso?

Fui criada como uma paulistana que frequentava clubes. Andava de ônibus pela cidade. Hoje São Paulo é o mundo. Minha paixão pelo *Estadão* vem também da minha paixão por São Paulo. Minha família inteira assinava o jornal. Um canal de confiança, de credibilidade. Comecei a trabalhar cedo, aos 16 anos. Eu quis trabalhar. Fui ser vendedora da M. Officer no Shopping Morumbi. Trabalhar em São Paulo me deu uma sensação de independência. Minha relação com São Paulo é de trabalho. Esse lugar onde se acorda e vai fazer a vida.

### Como foi, para sua família, quando você decidiu trabalhar na adolescência?

Fui criada para casar, ter filhos e não necessariamente para trabalhar. Casei aos 21. Aos 25, tive meu filho. Tive uma depressão pós-parto muito séria, muito

forte. Eu tinha muito o que fazer, o que produzir, mas estava limitada em uma gaiola. Queria muito trabalhar. Ser a pessoa que me tornei ao longo dos anos. Quando olho para trás, vejo aquela mulher de 25 anos, com um filho. Era uma mulher, mas, ao mesmo tempo, muito menina. Me separei quando meu filho tinha três meses e fui buscar um emprego. Comecei a trabalhar no Mappin. Primeiro no centro de São Paulo, depois, na Faria Lima.

### Como foi esse período?

Digo que aí nasceu a Alice Ferraz. Meu nome é Alice Ralston Ferraz do Amaral. Alice Ferraz é uma invenção dessa nova mulher, da pessoa pública, que trabalha. Me transformei muito. Uma Alice que, mesmo antes das redes sociais, queria construir a imagem da mulher que trabalha.

### Qual foi a chave para sair da depressão pós-parto e criar essa nova mulher?

Foi pela dor. Estava tão triste. Pensava: a vida é só isso? Uma mulher que acompanha o pai, depois acompanha o marido? As pessoas só mudam porque precisam. Precisa de uma dor maior. A depressão me mostrou que eu precisava dar conta de mim. A partir daí, o trabalho passou a definir a minha vida. Sou mãe, apaixonada pelo meu filho. Mas o que define minha vida não é a Alice mãe, mas a Alice profissional. E a Alice profissional me definiu como mãe do Gabriel (Pilão, empresário). E define o Gabriel também, porque ele me vê trabalhando, lutando.

### Como era o trabalho no Mappin?

Fui, primeiramente, gerente de marketing da área de conveniência. Cuidava de ferramentas a produtos para carros. Uma área predominantemente masculina. Foi muito importante para mim ver o Brasil. Eram muitos recortes diferentes. Eu viajava por todo o País. No Mappin, posteriormente, comecei a trabalhar com moda e me apaixonei pelo assunto. Para mim, a moda é como você se mostra para o mundo.

### Depois você montou uma assessoria de imprensa.

Depois que o Mappin faluiu, resolvi empreender. Fundei a Ferraz, que atendia moda e beleza. Comecei a frequentar as semanas de moda. Passei a ver a diferença entre os países. Poderia ser uma assessora só em São Paulo. Mas tenho algo que quer sempre me expor ao desconforto. Eu queria estar preparada para o mercado internacional.

### Foi em Nova York que você conheceu uma blogueira que mudou sua visão sobre

### a comunicação e te fez ser pioneira na questão do marketing de influência, em 2011. Como foi isso?

Eu tinha essa assessoria de imprensa e trabalhava com a Calvin Klein. Levava a imprensa nacional para Nova York. Estava acomodando algumas jornalistas e, na mesma fileira da Anna Wintour (editora-chefe da revista *Vogue*), colocaram uma blogueira. Mais tarde, fui o blog dela. A forma como ela contou sobre o desfile... A jornalista trazia uma visão imparcial. A blogueira contava do ponto de vista pessoal. Abri um núcleo para blogueiras, a F\*hits, os hits de Alice Ferraz. Uma blogueira era uma voz que poderia se transformar em uma mídia, se colocássemos marcas, com curadoria, e vendêssemos como anúncios.

### Como o mercado reagiu?

Me ridicularizaram. Diziam que eu daria voz para pessoas que eu nem sabia quem eram. No entanto, eu tinha absoluta certeza de que o mundo caminharia para cada pessoa ser relevante. Porque, quanto maior a comunicação se torna, mais nichada ela fica. Há muita informação. Alguém tem de dizer o que é certo.

**“É muito importante que a coluna tenha política e economia. Mas também arte, arquitetura e moda. Identificar quem são os personagens interessantes nesse mundo globalizado”**

**“Com a internet, vivemos a sociedade do espetáculo, como já havia adiantado Guy Debord. Como olhar para esse espetáculo todo, fazer um recorte e mostrar o que importa, o que realmente é relevante? Quero trazer esse olhar de curadoria”**

### Como é começar uma nova carreira pós-50 anos?

É um exemplo para mulheres de que elas podem ter várias carreiras, mesmo que sejam na mesma área. A minha sempre foi a comunicação. Se você não se sente bem na carreira ou ficando em casa, mude. É possível! Somos mais fortes do que tudo. Talvez por ter sido criada por um pai militar, eu ouvia muito “vá!”. Claro, ele queria que eu fosse para cá e eu queria ir para lá. Mas, era um “vá!”.

### Um “mexa-se”.

Um mexa-se constante. Faça o movimento do desconforto, pelo conforto de depois. Nesses movimentos todos, atinge um espaço maior para mim, de quem eu sou, do que consigo realizar, e não para a sociedade. ● DANILLO CASALETTI



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO